



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

AMANDA SENOS DOS SANTOS

QUANDO A LITERATURA DÁ SAMBA

**UMA ANÁLISE SOBRE O CARNAVAL E ENREDOS DE TEMÁTICAS DA
LITERATURA BRASILEIRA**

Rio de Janeiro,

2022.2

AMANDA SENOS DOS SANTOS

QUANDO A LITERATURA DÁ SAMBA
UMA ANÁLISE SOBRE O CARNAVAL E ENREDOS DE TEMÁTICAS DA
LITERATURA BRASILEIRA

Monografia de graduação apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção de título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Frederico Augusto
Liberalli de Góes

Rio de Janeiro,


2022.2

**QUANDO A LITERATURA DÁ SAMBA: UMA ANÁLISE SOBRE O CARNAVAL E
ENREDOS DE TEMÁTICAS DA LITERATURA BRASILEIRA**

Amanda Senos dos Santos

Trabalho apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovada por



Prof. Dr. Frederico Augusto Liberalli de Góes – orientador



Prof. Dr. Dennis da Silva Castanheira – UFF

Aprovada em: 18 de janeiro de 2023

Grau: 10,0

Rio de Janeiro,

2022.2

SANTOS, Amanda Senos dos.

Quando a Literatura dá samba: uma análise sobre o Carnaval e enredos de temáticas da Literatura Brasileira – Rio de Janeiro; UFRJ/Faculdade de Letras, 2022.

34 f.

Monografia (graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2022.

Orientação: Frederico Augusto Liberalli de Góes.

A minha família, meus maiores amores,
Yolanda, João, Denise, Rafael e Filipe.

A minha amiga de quatro patas, Mia.

RESUMO

O presente trabalho visa contribuir com as pesquisas sobre o Carnaval, a fim de clarear pensamentos sobre sua origem e como se deu sua evolução até chegar ao formato mais atual, no Rio de Janeiro, com desfiles luxuosos, em que cada detalhe possui fundamental importância para que a festa seja conhecida como “o maior espetáculo da Terra”. Atenta-se aos sambas-enredo de escolas, de quaisquer níveis, tomando como base e pontapé inicial duas composições de Carnavais mais longínquos, como o do Império Serrano, datado de 1948 e o da Estação Primeira de Mangueira, de 1967. Partindo-se, então, para outros três sambas mais recentes, de 2001, da Unidos da Tijuca; 2002, do Império Serrano; e 2012, da Imperatriz Leopoldinense, com temáticas sobre a Literatura Brasileira, promovendo uma análise de cinco composições. Assim, propõe-se a crescente escolha de enredos dessa temática a fim de que se desperte a curiosidade entre a população e a cultura literária seja mais facilmente disseminada.

Palavras-chave: Carnaval; samba-enredo; literatura.

ABSTRACT

This work aims to contribute to research on Carnival, in order to clarify thoughts about its origin and how it evolved until it reached the current format in Rio de Janeiro, with luxurious parades, in which every detail has fundamental importance for the party to be known as "the greatest spectacle on Earth". The focus is on the samba-plot of schools of all levels, taking as a basis and starting point two compositions from more distant Carnivals, such as Império Serrano, from 1948, and Estação Primeira de Mangueira, from 1967. We then move on to three more recent sambas, from 2001, by Unidos da Tijuca; 2002, by Império Serrano; and 2012, by Imperatriz Leopoldinense, with themes about Brazilian Literature, promoting an analysis of five compositions. Thus, we propose the choice of storylines with this theme in order to arouse curiosity among the population and make literary culture more easily disseminated.

Keywords: Carnival; samba-plot; literature.

Sumário

Introdução	8
Entendendo o Carnaval	10
História.....	10
Evolução	12
O surgimento das escolas de samba	19
Os sambas-enredo.....	21
Enredos nacionalistas.....	21
Enredos de tema livre	23
União Samba-Enredo-Literatura.....	24
Mangueira – 1967	25
Império Serrano – 1948	25
Unidos da Tijuca – 2001	26
Império Serrano – 2002	27
Imperatriz Leopoldinense – 2012	28
Considerações Finais	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

Introdução

Entrudo, triunfo, adeus à carne, festa da elite, do povo, rancho, sociedade, bloco carnaval... são muitas as expressões que se relacionam ao período do ano tão amado por grande parte da população mundial ao longo da história, chamado Carnaval.

Ele passou por inúmeras transformações ao longo dos séculos, muitas vezes sofreu mudanças na forma da comemoração, no seu público-alvo, que ora parecia ser a classe popular a que mais curtia o momento, ora era uma festa mais elitizada. Se for levado em consideração o período dos desfiles de Carnaval, até sua data sofreu alteração, pois houve momento em que alguns desfiles se deram num pré-carnaval, em janeiro.

Apesar de se ter muitos relatos e alguns autores apontarem o período de Carnaval contabilizando três dias mais a terça-feira gorda, com certa rigidez e cumprimento do período específico de dias, ou seja, momento de iniciar e encerrar toda a festa, nos dias atuais não se tem essa definição, dependendo do nível de folião que se é.

É comum que se ouça que o Carnaval tem início no sábado e termine na terça-feira. Mas, também pode começar na sexta-feira e terminar na quarta. Aliás, dá pra esticar um pouco e aproveitar até o final de semana seguinte. Resumindo: melhor começar uma semana antes e terminar uma semana depois. Pra ninguém reclamar.

Alguns reclamam, é fato. Não dá pra agradar todo mundo. Há de se concordar que, hoje, o período do Carnaval é um dos mais democráticos que existem, pois até quem não é fã dessa festa pode aproveitar dentro de casa, descansando. Pode ter igreja, retiro. Tem baile, em algumas casas ainda preservadas dos tempos áureos dos bailes de máscaras e para quem possui uma situação financeira média; tem blocos de rua, totalmente gratuitos e animados para os que não podem (ou mesmo não querem) pagar pela festa; e tem, também, os desfiles das escolas de samba.

“O maior espetáculo da terra” não é difícil saber qual é. Basta “dar um Google”. O Carnaval do Rio de Janeiro, mundialmente conhecido, que encanta multidões na famosa passarela do samba, o Sambódromo, ou Apoteose. É por lá que passam as escolas de samba, com suas alegorias, componentes, sambas-enredo, cores e muita alegria.

São exatamente os sambas-enredo que possibilitaram a execução de uma pesquisa para o presente trabalho, que revisitará, ao longo das próximas páginas a história da origem desse ritmo musical e tendo como foco principal suas letras, em um nicho que abrange enredos ligados à Literatura.

São diversos os sambas-enredo, ao longo de todo o período em que se têm registros de suas letras, que contam histórias da literatura, seja de obras específicas ou de autores. Alguns são mais antigos, outros mais atuais. Uns, talvez, sejam mais conhecidos e lembrados pela sociedade até hoje. Outros que quase ninguém conhece. Mas todos já fazem parte da história a partir do momento que passaram por alguma passarela, seja o Sambódromo, já citado, seja na Intendente Magalhães¹ ou em qualquer outra avenida com a presença de foliões.

Esse trabalho está organizado de forma cronológica. Para se chegar aos sambas mais atuais, dos anos 2000 em diante, que são objetos dessa pesquisa, é importante que se esclareça algumas dúvidas sobre o Carnaval, como local e data de origem, tipos de festejos entre outras peculiaridades a partir de agora.

¹ A estrada Intendente Magalhães, localizada na zona norte do Rio de Janeiro, tem importância histórica, pois fazia parte do Caminho Imperial e, a partir de 1989, passou a ser um dos locais de desfile de algumas escolas de samba. Hoje, as escolas dos grupos C, D e E ainda desfilam no local. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrada_Intendente_Magalh%C3%A3es#:~:text=Carnaval%20de%20Rua&text=A%20partir%20de%201989%2C%20o,de%20seu%20desfile%20das%20campe%C3%A3s. Acessado em 10 de janeiro de 2023

Entendendo o Carnaval

O Carnaval passou por diversas mudanças ao longo da história, seja de nome, tipo de festa ou mesmo comunidade envolvida. Para entendê-lo, é preciso imergir em uma pesquisa entre alguns dos nomes de estudiosos mais importantes sobre o tema, que quase nunca estabelecem uma unanimidade e voltar algumas centenas de anos de civilização, até o momento em que surgem festejos que podem estar ligados à origem do Carnaval propriamente dito.

História

Nos primeiros séculos da Era Cristã, existiam algumas festas que são confundidas como precursoras do Carnaval. No Antigo Egito, por exemplo, tem-se conhecimento da festa em homenagem à deusa Ísis; já na Antiga Roma, pode-se mencionar a festa em homenagem ao deus Dionísio.

Sobre a primeira, Ferreira (2004, p.18-19) descreve: “A festividade, longe de se apresentar como uma orgia descontrolada, era caracterizada por atos piedosos”. Nela, havia grande número de pessoas que se fantasiavam com diversos trajes, como soldados e gladiadores, inclusive homens vestidos de mulheres e máscaras. Uma multidão acompanhava, durante a primavera, um barco ou navio sobre rodas, como charretes, que era lançado ao mar em oferenda à deusa. Em Atenas, as festas Panateneias possuíam características similares.

A festa do deus Dionísio não se distanciava muito da citada anteriormente: acontecia em outro momento, março, mas também possuía espécies de procissões de pessoas mascaradas e fantasiadas, usando peles de animais. Como outro importante detalhe, nesse festejo, havia a presença de charretes enfeitadas.

A partir da similaridade do conjunto de características desses e outros festejos, Ferreira se atenta

É a presença, nas festas, desses pequenos barcos com rodas que acabou por fazer com que alguns pesquisadores considerassem tais celebrações como um exemplo de folia carnavalesca da Antiguidade, ao imaginar que o nome “Carnaval” teria origem em *carrus navalis*, ou seja, um carro em forma de navio. (FERREIRA, 2004, p.19)

Há, ainda, uma segunda teoria, surgida muito tempo depois das festas da Antiguidade, mais aceita por grande parte dos pesquisadores, em que Carnaval seria uma combinação de duas palavras: *carnis* e *vale*. Aquela equivale à carne; esta, a uma saudação de despedida, traduzindo para o português, “Adeus à carne”. De forma um pouco contraditória, essa é teoria que toma a Igreja Católica como a possível inventora, querendo ou não, do Carnaval, considerada a festa pagã.

Com o fim do Império, a Igreja era a única instituição relativamente preservada e buscava fiéis para se consolidar ainda mais. Uma de suas ações foi trazer ao calendário litúrgico esta grande festa, chamada Carnaval.

No século VII, mais precisamente no ano 604, o papa Gregório I definiu que os fiéis deveriam se abster de alguns prazeres da vida, como comer e frequentar festas, e se dedicar apenas às questões espirituais por um prazo de 40 dias, assim como o jejum de Jesus, o que seria a quaresma, que serviria para entrar em um estado de maior reflexão, oração, esmola e jejum. Ao fim do período de recolhimento, haveria uma comemoração: o que conhecemos como domingo de Páscoa.

Como o tempo de abstinência imposto pela Igreja era bem longo e os prazeres que deveriam ser cortados, como namoros, festejos, carnes pesadas e gorduras, em geral, requeriam um esforço maior, os fiéis pensaram que seria justo se esbaldarem nos dias que antecediam a quaresma, conhecido, então, como Adeus à Carne, ou Carne Vale, em italiano.

Nos quatro dias antes da quarta-feira de cinzas, quando era dado o início da quaresma, o consumo de carnes e diversas comidas mais gordurosas aumentava consideravelmente, assim como crescia a quantidade de festas, para suprir todo o longo jejum que estaria por vir.

Com o passar dos anos, as festividades do Adeus à Carne iam ficando cada vez maiores e mais descontroladas. Parecia que, durante aquele período de tempo, não existiam leis. As pessoas reservavam esses dias para fazerem tudo que não tiveram coragem durante o ano inteiro.

Durante aqueles dias dedicados às brincadeiras, parecia que o mundo não era mais o mesmo. As ruas enchiam-se de gente fazendo tudo aquilo que não se devia, ou não se podia, fazer durante o resto do ano. As pessoas aproveitavam-se dos dias de Carnaval para revelar seus desejos ocultos, acertar contas com os vizinhos, ridicularizar os inimigos, declarar seu amor secreto por alguém e todas essas coisas que fazemos quando perdemos o controle e a censura da vida diária (FERREIRA, 2004, p.28)

Há, agora, que se diferenciar dois tipos de escrita distintos: Carnaval e carnaval. Carnaval, com inicial maiúscula, se refere ao período específico de quatro dias que antecedem a quaresma, no qual se cometem os exageros e excessos. Já o carnaval, com inicial minúscula, refere-se às festas, bagunças, tumultos, ocorridos em qualquer período do ano, em qualquer situação.

Apesar do antagonismo aparente entre Igreja e Carnaval, por esse se tratar de uma festa pagã e com excessos de todos os tipos, considerada demoníaca, e aquela por se relacionar com atos piedosos, bondosos e cristãos, o Carnaval era útil à Igreja, pois ela poderia mostrar sua bondade com as festas, que ocorriam por um curto período de tempo, enquanto que, no restante do ano, poderia condenar a população com maior rigor, caso não houvesse comportamento exemplar dos fiéis.

A partir de então, as festas do “Adeus à Carne” foram tomando diferentes caminhos, de acordo com os costumes e características de cada região. Na maioria delas, mantinha-se a presença de pessoas fantasiadas e mascaradas. As fantasias de animais e homens selvagens eram as mais utilizadas.

Evolução

Algumas histórias fazem parte da construção do Carnaval. A encenação entre os personagens Senhor Carnaval e a Dona Quaresma se estendeu por séculos. Ele, um gordo que representava a fartura do período do Carnaval. Ela, uma magricela caquética e triste, que representava a escassez presente na Quaresma. Por um longo tempo, o Senhor Carnaval saía como vitorioso nas lutas contra Dona Quaresma. É a partir do século XVI que esse senhor passa a não mais ganhar os desafios, pois ele deixa de ser o personagem forte e feliz para se tornar o símbolo dos exageros desmedidos do Carnaval.

No período medieval, as brincadeiras carnavalescas eram ligadas à ideia de juventude, por todo o excesso e brincadeiras realizadas, assim como os tempos áureos do Senhor Carnaval.

Na França dos séculos XIV e XV, grupos de jovens rapazes passaram a participar de corridas com cavalos. Os vencedores recebiam coroas bem enfeitadas e desfilavam pela cidade. Essa atividade passou a ocorrer em diversas cidades do país, tornando esses jovens os

principais organizadores das brincadeiras de Carnaval. Com o passar dos anos, esses grupos passaram ser chamados de Sociedades Alegres, sendo a mais importante característica do Carnaval Medieval.

Havia, também, os chamados charivaris, que tinham como objetivo fazer denúncias e críticas de situações consideradas erradas, com um tom de brincadeira agressiva, na sociedade em que viviam, como traições, casos de viúvas e discrepâncias entre casais. Os cortejos passavam em frente às casas fazendo enorme barulho. Pouco a pouco, essas sociedades foram se aproximando dos governantes, o que resultou em maior organização das brincadeiras.

Um dado marcante desse período e da relação do Carnaval com a Igreja é que, na Itália, no século XV, o papa assistiu às apresentações, que se davam em carros puxados sobre rodas. Após esse feito, a rua onde ocorriam os desfiles passou a se chamar Via del Corso que, em português, significa rua da corrida.

Já no período renascentista, o “triumfo” era o tipo de festejo encontrado na Itália. Ele foi criado a fim de comemorar as datas mais importantes dos governantes que estavam no poder. Essa festa era feita de forma luxuosa, em que existiam tanto grupos a pé e outros sobre rodas, com fantasias e alegorias enfeitadas de maneira esplendorosa, com a participação de músicos que tocavam tambores e cornetas. O objetivo maior do triunfo era mostrar publicamente o poder dos reis, tornando-se, assim, o principal evento do Carnaval.

As festividades, na Itália, não pararam apenas no triunfo, que parecia muito mais um desfile de elite para elite. Outro tipo de comemoração também foi incorporado às cidades toscanas e, nitidamente, mais acessível a camadas mais populares: o lançamento de ovos coloridos e perfumados. Esse espírito do Carnaval chegou a diversas outras cidades da Europa.

Com o passar dos anos, no período do Iluminismo, foi-se percebendo um Carnaval cada vez mais da elite. As brincadeiras mais descontraídas foram dando espaço a bailes e óperas, como ocorreu em Veneza. Com o grande aumento da procura de turistas pelo período de descontração, o Carnaval deixou de ser comemorado nos quatro dias antes da quaresma para ser aproveitado durante uma estação inteira, que, agora, passava a ter início em janeiro.

Os comerciantes do local passaram a lucrar cada vez mais com a procura de pessoas interessadas em comprar artigos de fantasias para aproveitar o período com excelência, dado o

fato de que os mascarados e suas identidades eram protegidos por lei, distanciando-se, cada vez mais, das brincadeiras populares.

Enquanto os bailes luxuosos iam se multiplicando, as brincadeiras de rua ficavam cada vez mais tensas e violentas, com a participação de charivaris, entre governantes poderosos e a população das camadas menos favorecidas. Houve, praticamente, um extermínio da origem do Carnaval. Apenas em locais mais afastados, fora de grandes cidades, ainda existia a festa em sua face mais popular.

Claramente, há a separação da sociedade por meio de dois tipos diferentes de Carnaval.

É a partir de então que vai se fixar a ideia da oposição entre dois “carnavais”: um sofisticado, elegante, galante, luxuoso, com fantasias elaboradas e alegorias imponentes, mas afastado do genuíno sentido carnavalesco, e outro popular, irracional, exagerado, cômico, sujo e, como se pensava então, essencial e puro (FERREIRA, 2004, p. 49)

Apesar do distanciamento da maneira de se comemorar e dos dois tipos de carnavais criados, não se pode dizer que eles se tornaram independentes, pois um exercia influência sobre o outro. Um exemplo dessa interdependência e ligação das festas seria verificado em Roma, ainda no século XVIII, pois se faziam presentes aspectos mais vulgares e, também, mais luxuosos.

Diante de tanta história sendo feita em Roma, não seria de se espantar que outros fatos ocorridos no local teriam grande importância para o Carnaval. A Via del Corso, considerada a mais famosa, recebia uma parte da população que desfilava em carruagens e dividia a rua com a outra parte, que se espremia a pé pelo caminho. Enquanto todo esse aperto acontecia, dá-se início ao lançamento de bolinhas coloridas, que podiam ser feitas de gesso ou até mesmo de açúcar. São os famosos *confettis*, que são utilizados até hoje, porém, agora, feitos com papel. Neste momento, Roma já é o modelo de Carnaval na Europa.

Com a chegada do século XIX, Paris se tornava o maior centro cultural daquele tempo, sendo apelidada de “Capital do Século XIX” e é para essa cidade que se deve manter os olhares atentos, pois, a partir dela, se tem conhecimento do que é o Carnaval conhecido nos dias de hoje.

Durante o período da Revolução Francesa, o modo de brincar o Carnaval ficou mais agressivo. Com isso, as autoridades decidiram impor algumas restrições durante o período, como proibição de uso de máscaras e fantasias e toque de recolher.

Como era de se esperar, após a Revolução, as festas mais elitistas do Carnaval, com bailes glamorosos, estavam de volta aos salões. Foi apenas com a queda de Napoleão, a partir dos anos de 1830, que um novo jeito de brincar, nos dias que antecediam a Quaresma, estava chegando, e pra ficar.

Os bailes de máscaras, até então, quase um privilégio das camadas mais privilegiadas, passaram a se espalhar pelas camadas mais populares, porém, o que não se encaixava no gosto da burguesia era visto como algo ruim que não poderia ser considerado carnaval. Os mais ricos passaram a frequentar não só os bailes luxuosos, como, também, os bailes das classes populares.

Surgiram, então, grupos conhecidos como “sociedades”, que eram pessoas da burguesia que se organizavam para tirar todo o proveito que poderiam daqueles dias de festividades.

Publicado em 1842, o regulamento jocoso de uma dessas agremiações — Os Badouillards —expõe com clareza as intenções de seus componentes. “Todos os sócios são iguais perante a farra”, começava a carta de intenções. “Serão privados de seus direitos civis todos os sócios que não estiverem bêbados logo na entrada do baile, prosseguia o texto. “Qualquer dama que quiser participar do grupo não será forçada a exibir qualquer certificado de boa conduta (...) (FERREIRA, 2004, p 61)

Paris, como a principal cidade da cultura, na Europa, não iria se limitar a apenas um tipo de festejo no Carnaval, como os bailes mencionados anteriormente. Eram implementados, também, os desfiles por diversas ruas e avenidas em carruagens e outros tipos de transportes carregados por cavalos, com os mais diversos enfeites e grupos de pessoas fantasiadas, que servia para exibição da dominação da elite. Mais e mais grupos fantasiados iam se juntando ao desfile. Após alguns anos, em meados do século XIX, a quantidade de carros mais que dobrara.

No Brasil, a brincadeira do “Entrudo”, durante o período do Carnaval, foi trazida pelos portugueses no século XVII, e consistia em lançar os mais variados tipos de pó/farinha e líquidos, limpos ou sujos, uns nos outros. Podiam ocorrer entre pessoas da mesma família ou na rua entre as classes mais pobres e escravos.

Os foliões costumavam ficar dentro de suas casas, perto de portas e janelas, esperando alguém passar na rua, ali perto. Quando isso acontecia, os espertalhões lançavam os líquidos e pós. Por muitas vezes, acontecia dos atingidos se sentirem ofendidos e, então, resolviam invadir as casas em questão para revidar os ataques.

Casos como esse fizeram com que o Entrudo, ou pelo menos uma parte dele, certamente a que envolvia pessoas de classes baixas e escravos, começasse a ser condenado. Em 1832, um ofício com sua proibição foi publicado e a pessoa que fosse pega brincando desse jogo deveria pagar uma multa. Se fosse escravo, seria preso, ficando nítida diferença de tratamento entre as classes, visto que, entre famílias, dentro de casa, a brincadeira continuava.

Com a independência do Brasil em relação à corte portuguesa, o país passou a olhar para a França como um modelo de cultura a ser seguido, por achar que tudo que vinha de Portugal significava atraso.

O Brasil, então, a partir de 1840, passou a incorporar os bailes sofisticados de mascarados e fantasiados da França, já mencionados anteriormente nesse trabalho, em sua cultura carnavalesca. Com muito luxo, o carnaval brasileiro seguia os mesmos passos dos parisienses, fazendo até com que os comerciantes locais passassem a lucrar mais nessa época do ano devido às grandes vendas de fantasias e acessórios, visto que, em muitos bailes, esse traje era obrigatório.

Ainda seguindo o modelo francês, a elite brasileira considerava carnaval apenas o que lhes cabia, como os bailes sofisticados e passeios das elites. Outros tipos de brincadeiras, mais agressivas, que continuavam a acontecer nas ruas do país, eram, ainda, chamados de Entrudos. A quantidade de bailes aumentava a cada ano, tornando-se cada vez mais superproduções.

Em um contratempo entre os cada vez mais luxuosos bailes da grande elite e o bailes públicos populares, um tipo de baile intermediário foi criado pelas Sociedades Carnavalescas. Os membros dessas sociedades passaram a não mais organizar os eventos exclusivos para a elite e se reuniam em suas sedes para partirem juntos, e fantasiados, em direção aos bailes públicos nos teatros. De modo nada surpreendente, essa circulação de pessoas fantasiadas nas ruas, indo de um baile a outro, seria um ponto importante para o surgimento do carnaval de rua.

Em 1855, grupos de homens e mulheres da mais alta sociedade brasileira se organizam com o desejo principal de aproveitar, ao máximo, o que o Carnaval tem a oferecer. Eles saem de suas sedes em carruagens abertas rumo ao (popular) baile do Teatro de São Pedro. Alguns anos depois, como é de se observar quando o tema é Carnaval, surgem diversas outras sociedades carnavalescas em diferentes estados brasileiros que faziam o mesmo tipo de passeio, até bailes de teatros para suas aguardadas apresentações.

Com o sucesso das visitas de diversas sociedades alegrando o povo com suas apresentações nos teatros, ia-se surgindo um processo consciente de substituição do entrudo, ainda presente nas ruas brasileiras, com essa nova brincadeira de Carnaval. A partir de 1850, passeios à fantasia passaram a ser os representantes verdadeiros da folia carnavalesca. O primeiro desfile do Congresso das Sumidades Carnavalescas, em 1855, foi considerado um sucesso, com carruagens e fantasias muito bem elaboradas. Dado todo esse sucesso, um infinidade de sociedades começaram a surgir por todo o Brasil.

Alguns problemas, que não foram vistos em seu espelho, que era a França, começaram a surgir. A enorme quantidade de novas sociedades que começaram a surgir era um deles, juntamente com a competição entre as ruas para saber qual ou quais serviriam de tapete para a passagem dos desfiles e a grande comoção da população para participar das brincadeiras.

Apesar de tudo, o Carnaval carioca dava um orgulho a mais para o Brasil, já que foi reconhecido e citado como uma festa mediana em uma escala mundial, podendo ser comparada à festa dos parisienses.

Nos anos seguintes, após certo enfraquecimento das grandes sociedades e de seus desfiles nas ruas, o carnaval da classe mais popular foi tomando maior força. Era difícil definir por nome o que ainda existia, devido a grande mistura de tipos de brincadeiras.

Outro movimento importante surgido por volta de 1848 foi chamado “Zé Pereira”, originalmente criados em Portugal. Tratava-se de grupos de homens jovens que saíam desfilando pelas ruas durante todo o Carnaval ao mesmo tempo em que tocavam instrumentos de percussão simples, como zabumba e tambores, mas que agradavam aos ouvidos dos foliões, que os seguiam animados.

Diante da agradável aparição do zé pereira no Carnaval carioca, uma companhia de teatro decidiu, então, apresentar a peça chamada “O Zé Pereira Carnavalesco”. Uma das músicas compostas para o espetáculo tornou-se um dos grandes sucessos do Carnaval, sendo infinitamente repetida no ano seguinte, 1870.

Com esses grupos, os desfiles das Grandes Sociedades tornaram-se mais descontraídos. O que era dividido em grandes grupos passou a pequenos grupos, com os Zé pereiras, tornando a organização da festa mais fácil, pois cada grupo passava a ter seu próprio estandarte e poderiam estabelecer até mesmo alas separadamente.

Após a incorporação dos zé pereiras aos desfiles das grandes sociedades, passou-se a abordar temas mais polêmicos nos desfiles, sendo, muitas vezes, lançados aos rigorosos controles policiais, porém parecia que, quanto mais rigor havia com as críticas nos préstitos, mais eles abordavam temas críticos e ousados.

O Carnaval, com seus desfiles, foi se tornando brincadeira cada vez mais séria. Disputas entre pessoas para estabelecer por onde as grandes sociedades passariam ou em quais ruas dariam seus shows e a elite carnavalesca passava a fazer regulamentações para controlar a quantidade e a qualidade dos grupos.

Após a Reforma Urbana ocorrida no Rio de Janeiro, que fez com que avenidas, como a Central, passasse a ser local de passeio e comércio sofisticados, a burguesia percebeu que aquele local poderia ser um novo palco para o retorno de seus préstimos que ora havia sofrido algumas mudanças. O retorno dos desfiles em carros abertos estaria de volta. Foi nessa avenida que surgiu outro nome conhecido do Carnaval: o curso, que era o passeio de carros que carregavam pessoas finamente fantasiadas num grande vai e vem.

Nesse momento, espelhando-se no Carnaval de Nice, na França, os desfiles na Avenida Central passaram a receber batalhas de flores, sendo trocada, mais adiante, por confetes. Ao final dessas batalhas, havia julgadores, que premiavam os carros mais bonitos e sofisticados. Já no ano seguinte, a quantidade de prêmios aumentava: agora, seriam também avaliados os carros de maior espírito e máscara mais espirituoso.

Um fato importante, que pode ser visto como o início de uma tentativa de “privatização” da festa, foi a construção de arquibancadas de madeira pela Avenida Central por uma pessoa da indústria. Os populares, ao perceberem esse feito, incendiaram a construção. Na semana seguinte, as arquibancadas estavam presentes novamente, para que expectadores com posses pudessem pagar para assistir, de maneira privilegiada, os desfiles. Ainda, dando sequência às construções, viriam os camarotes.

Na sequência, outro fator marcante para o Carnaval foi o patrocínio dos enfeites e ornamentação das ruas que englobavam as folias, feitos pelo próprio governo, e não mais pelos envolvidos nos desfiles.

Pelo final da década de 1920, finalmente, o Carnaval carioca era considerado uma grande festa do Brasil, passou a ser visto como um festejo que tinha espaço para todos da sociedade. A festa tornou-se tão grande e bem vista que se tornou um elemento importantíssimo para o setor de turismo, que queria, cada vez mais, mostrar essa festa para o mundo.

O surgimento das escolas de samba

Para se entender o surgimento das escolas de samba no Carnaval, deve-se passar por outros tipos de “grupos” que ainda não foram mencionados nesse trabalho: os ranchos, os blocos e os cordões.

Conforme o entrudo ia perdendo força, os cordões iam tomando espaço em meados do século XIX, na década de 1920. Eles eram assim chamados, pois concentravam homens, em sua maioria negros, perfilados, vestidos com diferentes fantasias, que desfilavam ao som de algumas músicas. Segundo Ferreira (2004), “Muitas vezes as músicas cantadas por seus componentes eram denominadas ‘sambas’, mas na verdade esses ritmos estavam bastante distantes daquilo que conhecemos atualmente como tal, ficando próximos do maxixe”.

Os blocos talvez fossem grupos intermediários entre os cordões e os ranchos. Suas alegorias eram pequenas e o número de pessoas também era menor. Acredita-se que serviram de certa inspiração para a criação e surgimento dos grupos de samba. Não era difícil grupos de pessoas quererem se organizar em blocos e cordões.

Já os desfiles dos ranchos contavam com as famosas marchas-rancho, músicas tocadas nos desfiles, com enredos pré-definidos, e a presença de rei e rainha, mestre de sala, mestre de canto e mestres de harmonia, ou seja, possuíam estrutura bem maior que as organizações mencionadas anteriormente. Semelhante às escolas de samba atuais, os ranchos possuíam bandeiras em formas de estandartes. Não à toa se diz que o formato das escolas de samba que se tem nos dias de hoje é uma evolução dos ranchos.

Monique Augras, em seu livro *O Brasil do Samba-Enredo*, de 1998, já destaca, em suas primeiras páginas:

Tanto os velhos sambistas quanto os estudiosos são unânimes em apontar, nos ranchos, a origem das escolas de samba. Melhor dizendo, foi na junção dos ranchos (...) com os blocos e cordões das ruas do Rio que se deu a criação daquilo que viria a ser as escolas de samba (AUGRAS, 1998, p. 17)

Assim como Alberto Mussa e Luiz Antônio Simas, em livro intitulado *Samba de enredo — história e arte* afirmam que

As escolas de samba se formam a partir de um universo que engloba diversas referências: a herança festiva dos cortejos processionais, a tradição carnavalesca dos ranchos, blocos e cordões e os sons das macumbas, batuques e sambas cariocas. São

frutos, portanto, da articulação dessas diversas influências e de uma série de interesses políticos e sociais que marcaram a primeira metade do século 20 no Distrito Federal (MUSSA; SIMAS, 2010, p. 14)

Com sua aparição na Era Vargas, em que se existia um espírito nacionalista aflorado, as músicas cantadas pelos ranchos não deixariam de seguir o mesmo caminho do que acontecia na sociedade em geral. O samba veio de um movimento de cultura mestiça e negra dos morros do Rio de Janeiro e que agradou, também, a elite carioca. O ritmo foi crescendo e se disseminando. Muitos grupos foram formados nessa época e eram até apelidados como “ranchinhos”.

Existia certa divisão do ritmo Samba em dois: um era influenciado pelo maxixe e outro pelo batuque encontrado nos centros de candomblé, o “samba de morro”. Esse último era o mais cantado nos morros cariocas e o primeiro registro oficial de seu nascimento foi na casa da tia Ciata, uma baiana do candomblé.

Foi a partir da união entre a bagunça e desorganização dos blocos e o ar arrumado dos ranchos que surgiram as escolas de samba.

Curiosas são as histórias que explicam a expressão adotada para esse grupo. Segundo ferreira, Ora acredita-se que surgiu-se a partir de 1916, a partir do grito “Escola, sentido”, da popularização do tiro-de-guerra, ora surgiu em 1928, quando amigos do morro do Estácio, próximo a uma escola de normalistas, deram-se conta que poderiam ser mestres do samba, assim como os mestres que ensinavam nas escolas, aos alunos, teoria essa criada por Ismael Silva.

Ainda hoje não existem dados concretos que possam afirmar ou confirmar qual foi a primeira escola de samba do carnaval carioca, tamanhas são as discussões e reivindicações das próprias escolas para esse importante posto.

Em 1932, tem-se relato do primeiro concurso de escolas de samba, tendo participado 19 nomes, com direito a desfiles de cada uma, júri composto, entre outros, por pessoas comuns de classe média que tinham um interesse maior em cultura popular e por jornalistas. Cada escola tinha o direito de apresentar até três sambas, sem enredos definidos, diferente dos antigos ranchos.

Os sambas-enredo

Como cita Augras (1998), “José Ramos Tinhorão chega a definir o samba-enredo como sendo essencialmente um poema musical descritivo com caráter de exaltação patriótica que, portanto, surge em função da nacionalização do samba”.

Se, para Tinhorão, o samba-enredo passou a existir a partir do momento em que os sambas carregavam enredos nacionalistas, pode-se compreender que essa expressão passou a existir no início da década de 1930.

No entanto, essa afirmação não é uma unanimidade entre os pesquisadores do Carnaval, a ressaltar o fato de que as escolas não tinham a obrigação de manter uma relação entre samba e enredo. Mussa e Simas (2010) também discordam da definição de Tinhorão,

(Em 1932) A vitoriosa Mangueira cantou dois sambas — *Pudesse meu ideal*, de Cartola e Carlos Cachça, e *Sorri*, de Gradim. Vale ressaltar, portanto, que esse primeiro concurso entre as escolas não apresenta nenhuma composição que possa ser caracterizada — ou até mesmo aproximada — como o gênero musical que se cristalizou tempos depois como samba de enredo. (MUSSA; SIMAS, 2010, p.16)

Anteriormente a 1935, os sambas eram feitos de maneira improvisada, o que se faz imaginar que não havia maneira de manter um único tema durante todo o desfile das escolas, definindo um samba-enredo. Porém, a partir desse ano, passou-se a existir previamente aos desfiles o registro dos sambas, de forma que o tema não pudesse ser mudado ao longo da passagem da escola pela avenida.

Apesar de muito já se falar até agora sobre sambas e enredos, foi somente após os anos de 1950 que esse termo se firmou, a partir do momento em que os sambas se tornaram mais sofisticados.

Enredos nacionalistas

Os ranchos, dos anos 1920, já costumavam desfilar com enredos pré-definidos, com temas que buscavam cultuar o nacionalismo, como a beleza da natureza do Brasil ou personagens historicamente marcantes para o país, fazendo, assim, com que a população passasse a aprender e a amar mais sua terra.

A partir do ano 1933, e da escalada de sucesso do ano anterior, o jornal O Globo decide patrocinar a disputa entre as escolas. Agora, o júri deveria estar atento a alguns quesitos específicos, como enredo, que, até então, não existia no mundo das escolas de samba, originalidade, conjunto e poesia.

Não por acaso, nesse mesmo ano, ainda no governo de Getúlio Vargas, durante a ditadura, o Carnaval passou a receber um auxílio da prefeitura do Distrito Federal. Com ele, vinham também algumas regras para a realização da festa: a ala das baianas tornava-se obrigatória a todas as escolas que desejassem desfilar, os enredos deveriam ter temas nacionais, que exaltassem a história do país e seriam proibidos os instrumentos de sopro, visto que esses eram vistos como influências estrangeiras. O enredo nacionalista poderia ser visto, segundo o governo da época, como uma forma de agradecimento e colaboração pelo auxílio.

Assim como compositores brasileiros, em geral, sofriam censuras por parte do governo, não seria diferente com o Carnaval. Um dos mais importantes compositores de marchinhas, Lamartine Babo, também foi alvo da censura, ao escrever letras que zombavam daquele momento da história.

No ano de 1939, por exemplo, a escola de samba Vizinha faladeira foi desclassificada da disputa do Carnaval por ter apresentado um desfile com o enredo sobre “A Branca de Neve e os sete anões”, história amplamente conhecida, sendo criada pela Walt Disney.

De 1943 a 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, a festa foi prejudicada. Em 43, o governo retirou seu auxílio sob alegação de que não haveria motivo para festas, dado que o Brasil havia entrado no combate. Houve apenas um concurso menor, naturalmente com temas relacionados a esse fato.

Por mais incrível que possa parecer, a situação ficou ainda mais complicada após a Era Vargas, com a “instalação” da democracia, no governo Dutra, pois os enredos com temas nacionais passaram a se tornar obrigatoriedade, por meio de legislação. Os enredos deveriam ter o intuito de “ensinar” o amor ao nacional, abstraindo, assim, qualquer tipo de cultura estrangeira que houvesse contribuído para a construção daquela festa, como origens africanas.

Há de se imaginar que toda a situação ficaria ainda pior com os anos de ditadura militar. Segundo reportagem do jornal O Globo, publicada em fevereiro de 2017

Em 1967, após o anúncio do enredo “A história da liberdade no Brasil”, pelo Salgueiro, policiais do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) passaram a

frequentar as reuniões da escola. A proposta do tema era contar a história das revoluções no Brasil, deixando de fora o movimento de 1964, com o que não concordavam os militares. A resistência da escola fez com que sofresse represálias, como corte de luz e retirada de subvenção. (PONÇO; ESPERANÇA, 2017).

Por dois anos seguidos, 1974 e 1975, o Salgueiro, com o artista plástico e carnavalesco, Joãozinho Trinta, apresenta enredos que deixam de lado o tema nacional e aborda temas estrangeiros e faz do Salgueiro bicampeão do Carnaval carioca. As outras escolas, baseadas na antiga ordem da presença de temas nacionalistas, denunciam a escola campeã. Porém, Trinta dá as contraprovas que existem e que afirmam a possibilidade da existência de expedições fenícias no Brasil, enredo do samba apresentado. Com isso, não houve impugnação do enredo.

A partir desse episódio, reascendia a ordem e obrigatoriedade nos enredos nacionais ou que deixassem dúvidas sobre o fato. Ainda assim, essa obrigatoriedade ia perdendo forças ao longo dos anos.

Enredos de tema livre

A obrigatoriedade de enredos de temas nacionalistas deixou de existir, por lei, no ano de 1997. Já no primeiro ano da não obrigatoriedade, existiu um fato um tanto quanto curioso, em comparação ao destacado mais acima, sobre a escola Vizinha Faladeira e seu desfile sobre uma história da Walt Disney, destacado por Mussa e Simas

É curioso notar que no ano de 1997, quando a exigência de enredos nacionais foi abolida, a escola de samba Acadêmicos da Rocinha desfilou com o enredo *A viagem fantástica do Zé Carioca à Disney*. Na apresentação de seu tema para aquele ano, a Rocinha dizia que O Carnaval do Rio de Janeiro terá pela primeira vez em sua história uma escola de samba desfilando com um motivo internacional. (MUSSA;SIMAS, 2010, p. 52)

Os dois autores acrescentam, ainda, em um tom de brincadeira

Certamente os elaboradores do enredo desconheciam o desfile de 1939 que desclassificou a Vizinha Faladeira. A Acadêmicos da Rocinha, aliás, foi rebaixada naquele 1997 — o que prova, convenhamos, que Walt Disney no mínimo não dá sorte às agremiações que resolvem homenageá-lo (MUSSA;SIMAS, 2010, p. 52)

Ao se fazer uma pesquisa sobre os enredos das escolas de samba daquele ano, nota-se que a grande maioria continua a optar por temas relacionados ao Brasil, mas, agora, não necessariamente como seja referente a alguma personalidade, região ou até mesmo sobre obras da literatura. Tendência essa é vista pelos anos seguintes.

União Samba-Enredo-Literatura

É claro que, ao se pensar em um contexto geral, essa união existe desde a composição da primeira letra de samba-enredo, dado que Literatura é uma arte escrita.

Há, ao longo da história, uma enorme quantidade de sambas que se basearam tanto em obras literárias como em personalidades da literatura, seja alguma personagem específica ou, ainda, autores de obras. Pode-se tomar como exemplos o samba-enredo apresentado pelo Salgueiro, em 2012, intitulado como *Cordel Branco e Encarnado*, que salientou a importância da Literatura de Cordel; houve, também, no ano de 2009 o enredo *Mocidade Apresenta: Clube Literário – Machado de Assis e Guimarães Rosa – Estrelas em Poesia*, desfilado pela Mocidade Independente de Padre Miguel; e, também, o enredo sobre Vinícius de Moraes apresentado pela União da Ilha do Governador, com o título de Vinícius no Plural. Paixão, Poesia e Carnaval / Incidental: Se Todos Fossem Iguais à Você, em 2013.

Para não citar apenas escolas consideradas “grandes”, deve-se lembrar de agremiações menores que também colocaram a literatura para sambar na avenida, como a Paraíso do Tuiuti que, em seu desfile de 2004, levou o enredo *Olha que coisa mais linda, o poeta está no Paraíso*, sobre Vinícius de Moraes; ou a escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz, que já desfilou com o enredo *Vou levar somente o que couber no bolso e no coração. Uma viagem de sabedoria além da imaginação...*, que abordou o tema da literatura infantil, citando, inclusive, Monteiro Lobato, no de 2017. Há ainda, como exemplo, o grandessíssimo enredo tratado pela agremiação Acadêmicos da Abolição, intitulado *Conceição Evaristo – a “escrevivência” abolicionista em versos, poemas e contos*, que foi desfilado em 2011, tratando dessa linguista e escritora importantíssima para a língua brasileira.

O que será tratado, aqui, é a relação entre samba-enredo e temas literários que serviram de enredo para esses sambas, ou seja, a análise da poesia de suas letras

correlacionadas a seus enredos , tendo como objetos de estudos cinco sambas de diferentes escolas apresentados a seguir.

Mangueira – 1967

Um dos sambas-enredo de maior importância, que tomou grandes e favoráveis proporções, pertence à Estação Primeira de Mangueira, de seu desfile de 1967, em que o homenageado foi Monteiro Lobato, com o enredo *O mundo encantado de Monteiro Lobato*. O sucesso foi tão grande que diversos intérpretes regravaram o samba, como Elza Soares, Jair Rodrigues, Neguinho da Beija-Flor e Beth Carvalho. Sobre esse samba, Góes declara

(...) aqui o tom é meramente laudatório, em que a importância dos versos é secundária com relação à melodia e à divisão desse samba icônico, imortalizado na voz de Elza Soares. Na verdade, o que enaltecia Lobato não eram os versos, mas a música e a riqueza do universo construído pelo autor, reinterpretado visualmente na forma de fantasias e alegorias. (GÓES, 2020, p.178)

A intenção, aqui, é abordar sambas-enredo mais atuais, a partir dos anos 2000, visto que muitos dos dados de mais tempo já foram citados por outros autores que pesquisaram o tema. Porém a composição citada acima, da Mangueira, e o próximo, do Império Serrano, foram compostos em desfiles mais antigos, respectivamente 1967 e 1948 e não poderiam estar ausentes por toda grandiosidade do primeiro e personalidade muitíssimo importante do segundo. Esse enredo deu o título de campeã à escola naquele ano.

Império Serrano – 1948

O Império Serrano, no citado ano, homenageou o poeta Castro Alves, com o enredo *Homenagem a Antônio Castro Alves*. Nesse ano, o Carnaval contou com o desfile de 43 escolas, mas ainda não havia a estrutura vista hoje, e as letras eram predominantemente pequenas, se comparadas, também, às atuais. Apenas 10 versos entoavam a importância do poeta.

Castro Alves faleceu ainda muito jovem, aos 24 anos, em 1871. Era considerado o poeta dos escravos. Altamiro Maia compõe uma letra com versos simples, curtos e enfáticos,

parecendo querer que a população cante do início ao fim, sem maiores problemas: “Salve Antônio Castro Alves / O grande poeta do Brasil / Que nosso povo jamais esqueceu / Sua poesia de encantos mil.

Um dado curioso é que, nesse mesmo ano, em 1948, porém após o Carnaval, a Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o que se relaciona completamente com o poeta dos escravos.

A partir do próximo samba-enredo analisado, apenas haverá aqueles que datam de 2002 em diante, tendo sido escolhidos pela autora da pesquisa por julgar o enredo e absoluta importância ou apenas por simpatizar mais por uma ou outra escola.

Unidos da Tijuca – 2001

No ano de 2001, a escola de samba Unidos da Tijuca fez uma homenagem o escritor multifacetado Nelson Rodrigues, com o enredo *A Tijuca Apresenta Nelson Rodrigues pelo Buraco da Fechadura*. Esse título surgiu pela autodenominação de Rodrigues: “Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hein de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico”.

O samba composto por Vicente das Neves, Gilmar L. Silva, Douglas, Toninho, Gentil e Wantuir era um breve resumo de quem foi Nelson Rodrigues. Os dois primeiros versos “Fez da vida como ela é / Desenhou com arte o melhor que viu” se relacionam ao fato de que Rodrigues escrevia suas crônicas e peças a partir de fatos e experiências vistos ou vivenciados por sua vizinhança, fazendo com que ele deixasse apenas seus traços, como morte e perversão, para tornar a história mais interessante.

Ainda seguindo a letra do samba “Profano ou querubim” / Mostrou que o mundo é mesmo assim / O meu universo é Nelson” mostra-se a personalidade de Rodrigues, que ainda criança, com tendência angelical, como um querubim, também já mostrava seu lado profano quando, até em brincadeiras com seus primos, revelava um tom profano, que envolvia morte, sangue e sedução. A letra também menciona seu local de origem, “À terra do frevo eu vou”, referindo-se à Recife, apesar de, anos mais tarde, mudar-se para o Rio de Janeiro.

Em outro momento da composição, tem-se os versos “Nelson Rodrigues, teu pecado é humor / E a Tijuca apaixonada / Traz este gênio jornalista e escritor”. Ao falar do pecado, pode existir certa ambiguidade, visto que se pode estar relacionado à censura vigente naquela época, em que alguns de seus trabalhos sofreram e foram tirados de circulação ou pode mesmo tratar-se da reprovação feita pela sociedade pelos temas de seus escritos.

Ao final do samba, na última estrofe, que diz “Foi na visão do teu olhar, no meu olhar / Que eu enxerguei a vida / Nosso show está no ar / Teatro, cinema, TV / O futebol é devoção, é meu prazer”, tem-se uma amarração de quase todos os campos profissionais por que percorreu Rodrigues. Ele escreveu peças para teatro, muitas de suas histórias viraram filme no cinema, suas crônicas chegaram à TV como série, dando destaque à famosa “A vida como ela é” e também como foi um cronista esportivo revolucionário.

Império Serrano – 2002

Em 2002, o homenageado do Império Serrano foi ninguém mais, ninguém menos que Ariano Suassuna, no enredo *Aclamação e Coroação do Imperador da Pedra: Ariano Suassuna*. A composição é de Aluizio Machado, Maurição, Lula, Carlos Sena e Elmo Caetano. O escritor, romancista, ensaísta, dramaturgo, poeta, artista plástico, professor, advogado e palestrante teve a honra de ser homenageado nas proporções de um desfile de escola de samba carioca ainda em vida. Um de seus livros mais importantes, *Romance d’ A Pedra do Reino*, também faz parte dessa homenagem.

A obra possui mais de 600 páginas e conta a história de um massacre real, ocorrido em um sítio no século XIX e foi ficcionada por Suassuna. A canção inicia com os versos “Sol inclemente / Vai além da imaginação” fazendo referência ao forte sol que chega a castigar um vila do sertão nordestino, mas também reluz sua paisagem, como as grandes pedras rochosas que servem de cenário de matança.

Segundo o carnavalesco da escola na época, Ernesto Nascimento, em entrevista à repórter da TV Globo, em 2002, o “enredo também é construído com base na grande festa que é realizada em São José do Belmonte, que é uma cavalgada, sempre no último domingo de maio, e os cavaleiros seguem em direção à Serra do Catolé para fazer a coroação de Ariano Suassuna como imperador”, explicando, assim, a última estrofe do samba: “Hoje o império é

a voz da razão / Onde reina a paz e a união / E é muito mais que uma paixão / Sou imperador... Lá do sertão”.

Outra importante estrofe do samba, que, também, é um dos refrões, cita “Cabra macho, firmeza, que emoção / Liberdade, esperança, ressurreição / A bondade, a maldade no coração / Amor, verdade, eu encontro neste chão” é sobre os cavaleiros que acreditavam no “sebastianismo”, que seria um movimento que pregava a liberdade. Dom Sebastião veio a falecer em um combate contra os mouros. Os cavaleiros adeptos do movimento aguardavam sua ressurreição.

Difícil não fazer comparações entre uma letra e outra. A composição analisada anteriormente, da Unidos da Tijuca, possui uma linguagem aparentemente mais clara e direta. Por mais que o ouvinte do samba não saiba absolutamente nada sobre Nelson Rodrigues, ele consegue inferir algumas informações concretas sobre o escritor por meio de alguns versos. Já a letra do Império Serrano parece mais mística, faz com que a pessoa que queira entender a fundo o que diz a composição busque mais informações sobre Suassuna por outros meios, pois não é exatamente claro.

Uma curiosidade peculiar sobre esse desfile foi que Suassuna pediu para que as mulheres estivessem mais vestidas.

Imperatriz Leopoldinense – 2012

A Imperatriz Leopoldinense, após ter homenageado, em seus desfiles, nomes como Olavo Bilac, no enredo *Brasil, flor amorosa de três raças* e Cassiano Ricardo, no enredo que fala de sua obra *Martim Cererê*, intitulado com o mesmo nome, por exemplo, mais uma vez, decidiu homenagear um famoso escritor em seu desfile de 2012: Jorge Amado.

O escritor, nascido na Bahia, foi um dos brasileiros mais traduzidos e teve muitas de suas obras adaptadas para TV, cinema e teatro, como *Dona Flor e seus Dois Maridos*, *Gabriela Cravo e Canela*, *Capitães de Areia* e *Tieta do Agreste*. Diante dessas obras, alguns versos da composição já são ressaltados, como “O povo tem sede de felicidade. / A brisa a embalar / Histórias que falam de amor. / Memórias sob o lume do luar. / O doce perfume da flor”.

Todo o samba faz confundir-se se a homenagem é feita, de fato, ao Jorge Amado ou à Bahia. Esse fato se deve ao fato de seu estado de origem ser palco e inspiração em suas maiores obras, como por exemplo, o mar baiano. O amor pela Bahia também pode ser percebido em outros versos “Ê Bahia! Ê Bahia! / Dos santos, encantos, magia”.

Como última curiosidade, que se faz bastante presente na letra do samba, Amado seria ateu, mas, após certo tempo, passou a frequentar o candomblé, religião amplamente difundida na Bahia. Além disso, foi por meio de Jorge Amado que se teve a criação da lei de liberdade religiosa do país e, também, dos direitos autorais, deixando claro, assim, a importância da literatura em todos os aspectos de uma sociedade.

Considerações Finais

O Carnaval, até os dias atuais, é considerado, por muitos, como uma festa pagã. Inventado por uma parte da sociedade que desejava obter todos os tipos de prazeres que se podia antes do período de jejum de carne e alimentos gordurosos e abstinência de festas, namoros e todo o tipo de divertimento imposto pela Igreja nos dias que antecediam a Quaresma.

Por um longo período de anos, de fato, era o que se podia notar nas festas que percorriam por todo o país, principalmente no estado do Rio de Janeiro: um conjunto de excessos praticados, que envolviam comilanças e brincadeiras com tom de mau gosto, em que se lançavam líquidos e pós uns nos outros ou, ainda, pessoas que, de certa forma, se autodenominavam “donas da verdade” e saíam mascaradas, a fim de que ninguém reconhecesse suas verdadeiras identidades, pelas ruas, dispostas a apontar os problemas das vidas cotidianas e conjugais de diversos casais.

Entretanto com o passar do tempo, o Carnaval evoluiu em alguns aspectos. As brincadeiras pelas ruas tornaram-se muito mais sadias, de modo a não afetar ou agredir fisicamente nenhuma pessoa. Os blocos que desfilam pelas ruas e, cada vez mais, crescem em números, arrastando multidões por onde passam, estão encharcados de política e cultura, tanto em suas músicas ou marchinhas quanto em suas formas de se apresentarem.

O Carnaval das escolas de samba que fazem seus desfiles grandiosamente luxuosos também não se afasta dessa evolução. Os enredos que atravessam a Avenida costumam ser estudados por longos períodos pelos carnavalescos e não são escolhidos de forma aleatória. É tudo pensado e planejado para que o folião aflore seu interesse em aprender o respectivo samba.

Assim funcionam também as disputas de sambas-enredo nas quadras das escolas de samba, antes mesmo de toda a festa começar. Uma infinidade de compositores que se unem com o papel de estudarem e fazerem pesquisas sobre o enredo a fim de criarem letras que retratem a alma do tema escolhido e que seja de fácil assimilação e canto, levando, assim, cultura para os foliões.

As transmissões dos desfiles das escolas por algumas emissoras de rádio e TV também de fazem de extrema importância nesse contexto, pois elas vão muito além de simplesmente mostrar ou narrar as fantasias. Esses programas costumam contar com apresentadores, jornalistas e pesquisadores do Carnaval, que estudam sobre cada enredo, de cada escola, para levar maiores informações aos expectadores.

Neste presente trabalho, foram apresentados alguns enredos que passaram na avenida e se relacionaram com a Literatura. A maior parte aqui tratada e analisada, em um pequeno quórum, foi de nomes de peso na Literatura Brasileira, apesar de haver, também, os enredos que abordam personagens específicos de histórias e os que abordam as obras de seus autores. A intenção aqui, nunca foi apenas de analisar letras de sambas-enredos, mas, também, contribuir com a cultura.

Acredita-se que, naturalmente, os desfiles das escolas, com seus enredos muito bem trabalhados, possam despertar e aguçar a curiosidade nos foliões que participam de alguma forma dessa festa, seja desfilando ou sendo expectador, fazendo com que cresça a pesquisa sobre determinado tema tratado na letra da composição.

Quando se tratam de enredos sobre a literatura, especialmente a brasileira, cria-se uma esperança de que nomes e obras que já são ou já foram tão importantes pra cultura da nossa sociedade possam ser resgatados, de forma leve, como em um samba, fazendo com que o Carnaval, as escolas de samba e seus enredos tenham papel fundamental para o crescimento da cultura literária do país, que parece, cada vez mais, se perder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. Cordões e Blocos de Carnaval. **Rio de Janeiro Aqui**. Disponível em: <https://www.riodejaneiroaqui.com/carnaval/carnaval-cordoes-blocos.html>. Acesso em: 06/01/2023.

_____. Cordões carnavalescos. **Rio Memórias**. Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/cordoes-carnavalescos/>. Acesso em: 05/01/2023.

AUGRAS, Monique. **O Brasil do Samba-Enredo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BITAR, Simone. CARNAVAL: UMA CONSTRUÇÃO CAÓTICA DO ESTADO NOVO. **Aventuras na História**. 24 de fev. de 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-carnaval-foi-construcao-do-estado-novo.phtml>. Acesso em: 07/01/2023.

CAVALCANTI, M. L. V. de C.; GONÇALVES, R. de S. (Org.). **Carnaval Sem Fronteiras – As escolas de samba e suas artes mundo afora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020 1. ed.

FARIAS, J.C.. **Aprendendo português com samba-enredo**. Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2004.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FRAZÃO, Dilva. Ariano Suassuna – Escritor Brasileiro. **eBiografia**. 27 de jul. de 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ariano_suassuna/. Acesso em: 11/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. Acadêmicos da Abolição Carnaval de 2019. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-da-abolicao/2019/>. Acesso em 12/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. Acadêmicos do Salgueiro Carnaval de 2012. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-salgueiro/2012/>. Acesso em 12/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. Acadêmicos de Santa Cruz Carnaval de 2019. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-de-santa-cruz/2017/>. Acesso em 12/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. Estação Primeira de Mangueira Carnaval de 1967. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/estacao-primeira-de-mangueira/1967/>. Acesso em: 10/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. Imperatriz Leopoldinense Carnaval de 2012. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/imperatriz-leopoldinense/2012/>. Acesso em 13/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. Império Serrano Carnaval de 1948. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/imperio-serrano/1948/>. Acesso em: 13/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. Império Serrano Carnaval de 2002. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/imperio-serrano/2002/>. Acesso em: 12/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. Mocidade Independente de Padre Miguel Carnaval de 2009. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-salgueiro/2012/>. Acesso em: 12/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. Paraíso do Tuiuti Carnaval de 2004. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/paraiso-do-tuiuti/2004/>. Acesso em: 12/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. União da Ilha do Governador Carnaval de 2013. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/uniao-da-ilha-do-governador/2013/>. Acesso em 12/01/2023.

GALERIA DO SAMBA. Unidos da Tijuca Carnaval de 2001. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-da-tijuca/2001/>. Acesso em: 12/01/2023.

LITERAFRO. Conceição Evaristo. 16 de dez. de 2022. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 11/01/2023.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antônio. **Samba de enredo – história e arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PAIVA, Diogo. Nelson Rodrigues: o anjo pornográfico. **USP**, São Paulo. 02 de set. de 2022. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/en/node/2468>. Acesso em: 11/01/2023.

VELASCO, Valquíria. O CARNAVAL E SUAS ORIGENS PAGÃS. O ADEUS À CARNE E O ADVENTO DA QUARESMA. **Web Artigos**. 11 de fev. de 2013. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-carnaval-e-suas-origens-pagas-o-adeus-a-carne-e-o-advento-da-quaresma/103755>. Acesso em: 05/01/2023.

VILELA, Gustavo. Carnaval e poder: do nacionalismo na era Vargas até o império dos bicheiros. **O Globo**. 23 de fev. de 2017. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/carnaval-poder-do-nacionalismo-na-era-vargas-ate-imperio-dos-bicheiros-20972662>. Acesso em 06/01/2023.